
Análise das Representações das Atletas Olímpicas nas Capas do *Caderno Especial Rio-2016*

Marta Regina Garcia CAFEO ¹

José Carlos MARQUES ²

Universidade Estadual Paulista (UNESP/FAAC) - Bauru, SP

Resumo

O presente artigo visa analisar as capas do *Caderno Especial Rio-2016*, encartado no jornal O Globo, durante os Jogos Olímpicos de 2016, identificando as representações discursivas das atletas olímpicas brasileiras e estrangeiras, através do discurso midiático. As mulheres nas últimas décadas, conseguiram conquistar o direito e avançar significativamente no ambiente esportivo, o que possibilitou o crescimento das discussões das relações sociais de gênero no esporte. A partir do momento que a mulher começa a competir de forma profissional em várias modalidades, começa-se a derrubar a ideia de que as mulheres são sexo frágil e que lhes falta um espírito competitivo e coletivo, mas ainda há diversas representações e estereótipos que estão presentes na sociedade, na mídia e no ambiente esportivo. Como abordagem metodológica, são utilizados os conceitos da Análise do Discurso Crítica em diálogo com estudos de gênero no esporte.

Palavras-Chave: Esporte; mulher; jornalismo; representações; comunicação;

Introdução

Para conquistar o direito de participação plena nos Jogos Olímpicos as mulheres enfrentaram muitas dificuldades, em especial nos esportes de alto contato, devido às representações sociais construídas sobre o papel feminino. Somente na década de 1980 os esportes de alto contato começaram a ser liberados para a competição das atletas nas Olimpíadas, o que demonstra a desigualdade de gênero no campo esportivo e a longa trajetória de lutas e superação das esportistas para serem aceitas nesse universo de machismo velado. O ambiente esportivo é também um modelo da realidade social, no qual valores culturais e sociais, assim como implicações ideológicas, econômicas e políticas estão presentes, refletindo muitos valores que estão introjetados na sociedade. Diante desse cenário, as mulheres do esporte também vivenciam ainda hoje desafios, já que há um senso comum institucionalizado da representação do papel da mulher na sociedade de subvalorizarão das conquistas das atletas, assim como da invisibilidade de suas trajetórias. Vários estudos demonstraram que a cobertura esportiva da mídia tende a privilegiar os homens atletas em detrimento das mulheres, e que as atletas costumam ser mais retratadas por sua aparência, roupas e vida pessoal em reportagens sobre esportes. Há ainda uma tendência de sempre valori-

¹ Doutoranda do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação da UNESP, Campus Bauru – SP. Docente da Faculdade Anhanguera de Bauru. E-mail: martacafeo@gmail.com.

² Doutor em Ciências da Comunicação pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. Docente do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Estadual Paulista (UNESP), Campus de Bauru – SP. E-mail: jo-se.marques@unesp.br.

zar as conquistas dos homens, porém no caso das atletas, quando se trata de apresentar suas vitórias, o discurso normalmente leva a uma sub-representação e/ou ainda trivialização das conquistas das mulheres no cenário esportivo.

Assim, parte-se do pressuposto de que a visibilidade das mulheres nos esportes ainda é pequena, pois é preciso romper com as representações sociais estabelecidas de uma sociedade patriarcal; uma delas, por exemplo, supõe que as práticas esportivas mais intensas acarretariam a masculinização do corpo feminino. Por outro lado, as conquistas das atletas ainda tendem a ser subvalorizadas pelos meios de comunicação e/ou as atletas são destacadas pela sua beleza em detrimento ao seu desempenho esportivo.

A partir destas considerações, o objetivo desta pesquisa é analisar as representações sociais das mulheres olímpicas, nas capas do *Caderno Especial – Rio 2016*, encartado no Jornal *O Globo*, durante os Jogos Olímpicos do Rio de Janeiro em 2016. As Olimpíadas *Rio 2016* foi considerada a maior em termos de participação das mulheres em todos os esportes, dos 11.303 atletas, 5.185 foram mulheres olímpicas, totalizando 46% dos inscritos. As mulheres conquistaram medalhas, ouros inéditos e vitórias importantes, no campo esportivo e no debate em relação a igualdade de gêneros. Porém há vários paradigmas que precisam ser quebrados para que as atletas possam permanecer na prática esportiva, devido a fatores como estereótipos de gêneros, representatividade, falta de incentivos e oportunidades. Ainda hoje a representação dos papéis da mulher de ideias preconcebidas relacionadas aos papéis sociais patriarcais, falta representatividade das mulheres atletas nos cargos diretivos e administrativos das instituições de governança do esporte, assim como visibilidade da sua trajetória, conquistas e dificuldades

Mulheres e Representações Sociais

Para Moscovici (2003, p. 213) as representações sociais são complexas e utilizam-se de um referencial de pensamento preexistente, sempre dependentes de um sistema de crença ancorado em valores, tradições e imagens do mundo. Desde a sociedade feudal a mulher foi julgada em muitos momentos como um “objeto” do homem. Já na sociedade patriarcal, as mulheres tinham como função a maternidade, o cuidado com o lar, representações que ainda estão presentes no século XXI.

Justifica-se assim a grande luta dos movimentos feministas e estudos de gênero ao argumentar que as diferenças e desigualdades entre mulheres e homens ao longo da história não estavam relacionadas ao sexo e/ou determinismo biológico, mas foram edificadas socialmente e culturalmente, com um histórico de subordinação social e de invisibilidade política, em que as mulheres permaneceram historicamente submetidas.

Segundo Meyer (2003), os estudos de gênero foram utilizados sobretudo pelas feministas pós-estruturalistas para destacar que a sociedade forma não só a personalidade e o comportamento, bem como as maneiras como o corpo se mostra; e são representados os modos “de ser e de se sentir”, levando em consideração as mulheres e os homens. Para Moscovici (2003) a sociedade cria classes, categorias a partir dos indivíduos de duas maneiras: generalizando ou particularizando. Em determinados momentos, a opinião já vem pronta à mente, e tenta-se descobrir a informação ou o particular que se encaixe nela, pois generalizando, reduz-se as distâncias.

Conforme Young (1988, apud Devid 2005, p. 50), baseados em conceitos da fenomenologia, a exclusão feminina do esporte deve levar em consideração que a nossa cultura objetifica o corpo da mulher. A mulher foi vista por muito tempo como um corpo-objeto ao invés de um corpo-sujeito; “um corpo inativo no qual o esporte, baseando-se nas suas capacidades e habilidades corporais, torna-se incompatível com a natureza feminina, fazendo com que a mulher, ao se envolver com a prática esportiva, não seja vista como realmente uma ‘mulher’”. Assim, a exclusão das meninas do esporte desde a infância, contribui para uma concepção de sedentarismo, fragilidade e de incompetência para o esporte. A autoimagem é difícil de ser desconstruída na sociedade que trata o corpo feminino como um objeto, e desperta nas adolescentes um desejo de manutenção da “beleza feminina”, tratando o corpo como um objeto que precisa ser vestido, modelado e pintado para atrair o olhar masculino e das demais mulheres.

Nesse contexto, os meios de comunicação são determinantes para a construção de representações sociais, pois é necessário considerar a dinâmica social, suas linguagens e as formas de comunicar um pensamento, assim como o seu teor subjetivo e identitário. Conforme Louro (1997, p. 69), “a linguagem não apenas expressa relações de poderes, e lugares, ela os institui, ela não apenas veicula, mas produz e pretende fixar diferenças”. Em nossa sociedade, devido à hegemonia branca, masculina, heterossexual e cristã, aqueles que não compartilham desses atributos são nomeados como diferentes. Porém, a diferença está sempre historicamente dependente de situações e momentos particulares. Assim, ao analisar as capas do *Caderno Especial – Rio 2016*, busca-se compreender se o jornal apresentou uma construção discursiva diferente das estereotipadas, que possam contribuir para ressignificar as representações sociais da mulher atleta.

Análise Crítica do Discurso

Para Fairclough (2001), a Análise Crítica do Discurso (ACD), se apresenta como uma concepção de discurso e um corpo teórico adequado para o uso na pesquisa científica e social e nas pesquisas de mudança social, pois concebe o discurso “como uma forma de prática social” que reproduz e transforma as realidades sociais e o sujeito da linguagem. Essa é a razão da im-

portância de uma integração de várias abordagens, de forma multidisciplinar, para complementar a análise

A ACD não focaliza somente os textos, falados ou escritos, como objetos de investigação. Para uma abordagem crítica do discurso, é necessária uma teorização e descrição dos processos e estruturas sociais que levam à produção de um texto, e também das estruturas e processos sociais dos quais indivíduos ou grupos, como sujeitos sócio-históricos, criam significados em suas interações com os textos. A ACD evita estabelecer uma relação simplista entre os textos e o social, pois parte da premissa de que o discurso é estruturado pela dominação, é historicamente produzido e interpretado, ou seja, está situado no tempo e no espaço, e as estruturas de dominação são legitimadas pelas ideologias dos grupos que detêm o poder (FAIRCLOUGH, 2001).

Na ACD, Fairclough (2001, p. 82-83) incluí as análises linguísticas textual, levando em consideração múltiplas dimensões: análise do texto, análise dos processos discursivos de produção e interpretação textual e análise social do evento discursivo, em termos de suas condições e efeitos sociais em vários níveis. Para a ACD o discurso constitui e é constituído por práticas sociais sobre as quais podem se analisar e revelar os processos de manutenção e de mudanças das relações de poder, portanto tem um interesse particular na relação entre linguagem e poder.

Ao considerar a “linguagem como uma forma de prática social, é necessário refletir sobre três perspectivas: linguagem como parte da sociedade (não algo externo a ela); linguagem como um processo social e linguagem como um processo condicionado socialmente, e também interliga três conceitos básicos: poder, história e ideologia. Assim, três conceitos são importantes para a ACD: o conceito de poder, o conceito de história, e o conceito de ideologia. O discurso colabora para reforçar ideologias, relações sociais, sistemas de conhecimento e crenças, contribuindo para naturalizar identidades sociais e representações, mas também pode contribuir para transformar a sociedade (FAIRCLOUGH, 2001).

Corpus de Pesquisa

O corpus da pesquisa é o *Caderno Especial Rio 2016*, encartado no jornal *O Globo Rio – 2016*, que teve o formato tabloide e as edições com quantidade de páginas diferenciadas (ver quadro abaixo). A maioria das capas seguiram o mesmo formato editorial de capa-cartaz, o logotipo *Rio 2016* no topo superior da página, uma foto em destaque, e uma única reportagem chamada e o rodapé com os patrocinadores. Do total de 23 capas, (n=6 / 26%) apresentaram mulheres olímpicas (Quadro 1); (n=11 / 48%) trouxeram os homens atletas e (n=6/26%) divulgaram imagens relacionadas à abertura e encerramento dos jogos e da torcida.

Quadro 1. Corpus de Análise – Caderno Especial Rio 2016.

<p>08/08/2016</p>  <p>DANÇA DA JUVENTUDE</p> <p>Flávia Saraiva e Rebeca Andrade injetam brilho na seleção brasileira de ginástica artística, que vai à final junto com os homens</p> <p>RIO OLÍMPICO, Bradesco, Embratel, CVC, 360</p>	<p>09/08/2016</p>  <p>MINA DE OURO</p> <p>Gravar a um par de mãos firmes a Cidade Maravilhosa agitou a Cidade de Deus, trinda da comunidade. Tatjana Kharlamova venceu o ouro no final de agosto. Após a luta final a judoca criou "Pega no chão" a expressão para a vitória do "Fôro" e o golfe "Fôro" a "Sua vitória" venceu</p> <p>RIO OLÍMPICO, Bradesco, Embratel, CVC, 360</p>	<p>12/08/2016</p>  <p>GAROTA HEAVY METAL</p> <p>Com a força, Marina Aguiar se tornou a primeira brasileira a ganhar o ouro individual no final de agosto na luta de judô</p> <p>RIO OLÍMPICO, Bradesco, Embratel, CVC, 360</p>
<p>14/08/2016</p>  <p>VERDE AMARELO</p> <p>Apesar de um acidente no percurso Elaine Thompson venceu o ouro no 100 metros. Ela venceu o ouro no 100 metros, depois de um acidente no percurso. Elaine Thompson venceu o ouro no 100 metros, depois de um acidente no percurso.</p> <p>RIO OLÍMPICO, Bradesco, Embratel, CVC, 360</p>	<p>16/08/2016</p>  <p>O OURO DÁ VOLTAS</p> <p>Mantém-se no topo do esporte e ganha o ouro. Ela é a ginasta Larissa Itono</p> <p>RIO OLÍMPICO, Bradesco, Embratel, CVC, 360</p>	<p>19/08/2016</p>  <p>PRAZER EM VELAS</p> <p>Kahena Barral e Marina Granichkin venceram o ouro no class 49erFX, a 1ª medalha do Brasil no esporte olímpico</p> <p>RIO OLÍMPICO, Bradesco, Embratel, CVC, 360</p>

Análises das Capas do Caderno Especial – RIO 2016

A primeira edição do *Caderno Especial Rio 2016* que trouxe uma atleta olímpica na capa foi veiculada no dia 08 de agosto, e apresenta a ginasta Flávia Saraiva. A imagem de plano aberto, com enquadramento de corpo inteiro em um movimento de dança artística, mostra o corpo da atleta em ação no esporte, suspenso no ar, e a graciosidade da ginasta, com a manchete: *Dança da Juventude*, e texto chamada: *Flávia Saraiva e Rebeca Andrade injetam brilho na sele-*

ção de ginástica artística, que vai à final junto com os homens, e legenda; Evolução. Flávia Saraiva disputará final individual geral e na trave

A ginástica artística é uma modalidade presente nas Olimpíadas desde os Jogos de Atenas (1986), porém somente em 1928, nas olimpíadas de Amsterdã, as mulheres iniciaram sua participação. Hoje, a ginástica artística reúne homens e mulheres com separações e restrições no que tange aos aparelhos, na busca da perfeição dos movimentos, tendo como características: a força, leveza e o equilíbrio. Na ginástica artística as provas masculinas se caracterizam por manobras de força nas rotinas acrobáticas dos ginastas com os aparelhos: argolas, cavalo com alças, barra fixa e barras paralelas. Já nas provas femininas os aparelhos utilizados são: paralelas assimétricas e a trave de equilíbrio, que exigem habilidades de equilíbrio e leveza. Na ginástica artística há ainda o aparelho solo, presente nas duas modalidades (masculina e feminina), só que com um fator de diferenciação; na prova feminina é utilizado um fundo musical, assim na avaliação leva-se em consideração a precisão dos movimentos, o ritmo e a graça nos exercícios. Nas provas masculinas não há música.

A manchete: *A Dança da Juventude* reforça justamente um diferencial existente entre as modalidades masculina e feminina, “a dança”, mas também corrobora os valores da sociedade em que a juventude e beleza são cultuadas. A ginástica artística tende a transformar o corpo das mulheres, que precisam de força nas pernas, portanto há um desenvolvimento nas coxas para terem mais equilíbrio em traves, e braços fortes, importantes nos aparelhos em que há suspensão e sustentação do corpo. É importante pensarmos que a construção e negociação das diferentes identidades passam hoje, necessariamente pelo corpo, mas, ainda assim, o corpo da atleta está incorporado aos padrões estéticos hegemônicos estabelecidos e naturalizados.

Para Romero (2004), o esporte reproduz relacionamentos patriarcais, enfatizando uma suposta superioridade masculina. Para a autora, os veículos de comunicação também são responsáveis, uma vez que tendem a enfatizar as diferenças fisiológicas entre os sexos de forma naturalizada, quando destacam a graciosidade da mulher atleta e a forma muscular do homem. O *Cartão Especial Rio 2016*, ao destacar na capa a juventude e a graciosidade da atleta, apresenta na construção discursiva atributos relacionados à aparência, ao corpo e não à performance da atleta, e por outro lado demonstra que ainda existe hoje o reforço da mídia para modalidades esportivas propagadas como “adequadas” às mulheres em relação à identidade de gênero, problematização e à construção da feminilidade.

A produção de identidade de gênero perpassa pela construção de corpos masculinos e femininos e nas marcas que neles se inscrevem. Para Goellner (2003 p. 32), o corpo é provisório, é mutável, suscetível a inúmeras intervenções de acordo com o “desenvolvimento científico e

tecnológico de cada cultura bem como suas leis, seus códigos morais, as representações que criam sobre os corpos, os discursos que sobre ele produz e reproduz, as marcas que o identificam”. Nesse sentido, o corpo se constrói a partir de seus elementos biológicos e da sua inserção na cultura, e tem no esporte um espaço de produção de corpos generificados, mais especificamente, o corpo feminino.

O esporte tornou-se um espaço em que os corpos femininos são generificados e espetacularizados, dado que na cultura contemporânea estão cada vez mais expostos pela exibição de performances aprimoradas, pela construção de corpos comumente identificados como perfeitos, ou ainda pela associação da sua prática com a aquisição de saúde e de beleza. Assim, o campo esportivo também se mostra como espaço de afirmação de um corpo minuciosamente construído e desejado, devido às representações positivas que a ele se conectam quando são ressaltadas a beleza, potência, plasticidade, produtividade e exuberância (GOELLNER, 2003).

A construção discursiva da capa do *Caderno Especial Rio 2016* reforça a diferença de poder entre homens e mulheres, em que vulnerabilidade, fraqueza e dependência e seus opostos são traços de gênero desejáveis nas mulheres, porém não nos homens. Desta forma, o jornal, no seu discurso, corrobora para que representações já naturalizadas das mulheres continuem no imaginário coletivo. Seguindo essa linha de argumentos, Goellner (2012) problematiza que para as mulheres não basta serem boas atletas através do desempenho esportivo, é necessário ter beleza e serem “atletas boas” para conquistar visibilidade. Existe também um assédio moral e sexual, erotizando o modo como se referem às atletas e subvalorizando o esporte como sua ocupação profissional.

Há ainda um senso comum de que a sociedade aceita melhor as mulheres que praticam esportes supostamente femininos, isto é, aqueles que não encontram contradições nos meios sociais, que estão incluídos em um padrão esteticamente aceitável. Na capa do *Caderno Especial Rio 2016*, o texto faz, ainda, referência às ginastas Flávia Saraiva e Rebeca Andrade, que na época da *Rio 2016* tinham 16 e 17 anos, eram duas adolescentes e utilizam o termo *injetam brilho* na seleção de ginástica artística, para mostrar que as atletas estavam se destacando na competição, mas no discurso reconhece-se o culto à juventude, modelado segundo os padrões estéticos femininos dominantes que a sociedade impõe há séculos.

O texto da capa faz referência à seleção de ginástica artística que iria disputar a final, utilizando chamada em conjunto para informar *que vai à final junto com os homens*. Existe uma prática dos veículos de comunicação de banalizar as conquistas das mulheres e/ou minimizar o seu protagonismo, reafirmando as conquistas dos esportes masculinos sobre os femininos, o que conduz a uma sub-representação das mulheres atletas. Por outro lado, a imagem do corpo em

movimento, a modalidade esportiva, o tipo de uniforme, ou seja, os elementos realçados pela capa, remetem a um ideal de corpo que valoriza a beleza e a juventude, um *corpo sem* destituir-lhe a *feminilidade*, levando à uma *sexualização* da ginasta.

A capa do dia 09 de agosto, do *Caderno Especial Rio-2016*, exhibe uma fotografia de Danilo Verpa, da *Folha Press/NOPP*, da judoca Rafaela Silva em um golpe *wazari* contra a judoca da Mongólia Sumiya Dorjsuren, líder do ranking mundial. A imagem em plano aberto apresenta as duas atletas no momento do golpe, sendo que a judoca Rafaela Silva está em movimento no ar e é possível ver o rosto da atleta, que expressa força. A legenda; *Saber cair. A brasileira reage e faz a mongol cair sobre as costas no lance que lhe deu a vitória*. Na construção discursiva, a metáfora “Saber cair” está relacionada com o fato da judoca Rafaela Silva, em Londres-2012, ter sido desclassificada na final e receber várias ofensas nas redes sociais. Logo após Londres 2012, a judoca pensou em desistir da carreira de atleta, mas teve força para continuar e após quatro anos se superar na Olimpíada *Rio-2016*, conquistando a medalha de ouro. A capa trouxe um texto chamada com o título; *Mina de Ouro*. Com o texto: *Graças a um par de mãos fortes, a Cidade Maravilhosa aplaudiu a Cidade de Deus. Vinda de comunidade, Rafaela Silva superou o trauma de Londres 2012, para chegar ao alto do pódio. Após a luta final, a atleta disse: Hoje eu não fui vergonha para minha família. Foi um orgulho. E para o Brasil inteiro*

Os elementos textuais que se destacaram “vitória e superação” da atleta Rafaela Silva, bem como a fala da própria atleta quando reafirmou que sua conquista era um orgulho para a sua família e para o Brasil inteiro. A capa apresenta ainda vários verbos como “aplaudiu”, “superou”, “chegar” e adjetivos “alto do pódio”, “luta final” para a construção discursiva de representar a judoca como uma guerreira. A manchete da capa: *Mina de Ouro*, faz menção à performance vitoriosa da atleta na conquista da medalha de ouro, sendo que *Mina* pode reporta-se à uma gíria utilizada na comunidade para se referir à “menina”, mas também ao local de garimpo do ouro, metal nobre, símbolo de riqueza e poder.

O judô é um esporte que por muito tempo foi uma reserva masculina devido à construção da representação social de que a mulher deveria ser feminina, isto é: bela, graciosa, passiva, etc. A modalidade era difundida para as mulheres como uma prática que leva a uma aparência de “masculinização”, em especial por tratar-se de uma luta que exige treinamento de alta performance, moldando os corpos através de músculos. Assim, o judô é um esporte que questiona a feminilidade e leva as atletas a perturbações em relação à própria aparência.

Por certo, seus corpos tencionam olhares acostumados ao mesmo, pois desestabilizam e colocam em xeque representações que identificam serem virtuosas as atitudes belas e femininas de um corpo de mulher em ação. Para além dos imaginados danos físicos que esses esportes considerados como violentos podem

causar às mulheres (e que também causam aos homens) outro perigo se avizinha: o temor à “masculinização” (GOELLNER, 2007, p. 7).

Para a autora, a sociedade ao apoiar-se na heterossexualidade e na maternidade como norma, tanto quanto na representação da “mulher masculinizada”, faz da identidade das mulheres algo fixo, impenetrável, que traz em si formas rígidas de ser e de vivenciar suas experiências, associando a sexualidade à reprodução. É fato que esses modelos são cada vez mais questionados, no entanto é importante que ao debater a atuação de mulheres em esportes de força, seja também questionado como as questões de gêneros e as representações das mulheres, que ao assumirem um modelo como dominante, questionam a representação hegemônica da feminilidade.

A capa do *Caderno Especial Rio-2016*, ao apresentar no texto “*Graças a um par de mãos fortes*” atribuí à judoca uma das características evidenciadas como masculinas (força), condizente com os estereótipos produzidos na sociedade e com os valores preconizados pelo esporte. A construção discursiva de empoderamento de Rafaela Silva na prática do judô é também um posicionamento contra a dominação masculina e sexista da sociedade, que questiona o mito da fragilidade feminina.

Em tempos de efervescência do feminismo, é muito importante para as mulheres atletas terem as suas conquistas valorizadas, em especial pelo reconhecimento através da mídia. A mídia faz mais do que criar imagens paralelas de homens e mulheres atletas, ela também cria e enfatiza as relações de gêneros no esporte, assim como pode contribuir para reafirmar estereótipos e/ou ressignificar novos papéis sociais. Da mesma forma que “o esporte construiu e superenfatizou a hierarquia e as diferenças entre os sexos, a mídia construiu visualizações entre homens e mulheres com base em definições tradicionais de feminilidade e masculinidade” (ROMERO, 2004, p. 224). Para Alonso (2003), os esportes oportunizam às mulheres um espaço para adquirirem respeitabilidade e reconhecimento social, destruindo falsos estereótipos femininos associados à fraqueza física e psicológica. Corroborando esse pensamento, o judô feminino do Brasil vem se destacando nas Olimpíadas, e a capa do *Caderno Especial Rio-2016* promove a representação da atleta como guerreira.

A Capa do *Caderno Especial Rio-2016* do dia 12 de agosto apresenta a atleta brasileira Mayra Aguiar em uma fotografia de plano superior com fundo desfocado, do fotógrafo *Marko Djurica*, da Reuters. Na imagem a judoca está com o uniforme do Brasil (abrigo), sorrindo, segurando a medalha de bronze com a mão direita e levantando perto do rosto, com a legenda; *Sorriso de Campeã. Mayra Aguiar exhibe a medalha de bronze.*

A matéria abaixo da imagem em destaque de Mayra Aguiar apresenta todo o contexto que a atleta enfrentou para a conquista da medalha de bronze no judô na categoria de 78 quilos,

quinze minutos após perder na semifinal para a francesa Audrey Tcheumeo, por punições, e descreve passo a passo o golpe utilizado pela judoca para a vitória contra a cubana Yalennis Castillo. As atletas Sahah Menezes, Rafaela Silva e Mayra Aguiar são retratadas na reportagem como uma geração de sucesso para o judô feminino no Brasil. A capa, como elemento textual principal, publica a manchete: *Garota heavy metal. Com o bronze, Mayra Aguiar se torna primeira brasileira a ter dois pódios individuais e se firma como referência na geração.* A construção discursiva “*Garota heavy metal*” remete ao “metal”, liga metálica amarelada, que representa o “bronze” da medalha, e destaca o feito inédito da atleta de ser a primeira brasileira a ter dois pódios individuais nas Olimpíadas. Por outro lado, “*heavy metal*” é um gênero do rock, que surgiu nos anos 1970, no Reino Unido e Estados Unidos, utilizando um som com guitarras distorcidas e batidas pesadas. Assim, “heavy metal” é também utilizado como uma gíria em um sentido mais amplo como “força”, que é uma característica importante do judô.

A capa do *Caderno Especial Rio-2016* demonstra o progresso das mulheres olímpicas, como no caso de Mayra Aguiar, tornando-se *a primeira brasileira a ter dois pódios individuais* em um esporte considerado por muito tempo como não conveniente às mulheres, por envolver combate físico e força, e que possibilita às atletas contrariarem as noções dominantes de feminilidade e fragilidade, em busca de novas representações. Ao mesmo tempo, apresenta a judoca como “*Garota heavy metal*”, incorporado à representação de “força” e do “poder” da mulher no campo esportivo, que contraria a relação de poder masculino, um discurso recorrente em muitas reportagens envolvendo mulheres atletas, que tendem a denominá-las de “menina”, “garota” e/ou “jovem mulher”, colocando-as em uma posição infantilizada, remetendo à *fragilidade da mulher*.

A capa do *Caderno Especial Rio 2016*, do dia 14 de agosto, exibe uma fotografia da velocista jamaicana Elaine Thompson, do fotógrafo *Dylan Martinez, da Reuters*, de fundo branco e de corpo inteiro, com uma expressão sorridente e de surpresa simultaneamente, após a linha de chegada na final dos 100m rasos femininos, na conquista da medalha de ouro na *Rio 2016*. Na legenda o texto; *Nos braços da galera. Elaine Thompson não acredita na vitória obtida ontem nos 100m.* A capa apresenta fundo branco, que destaca a imagem da atleta Elaine Thompson em movimento de corrida, com os braços abertos, quando comemorava a vitória, o que corrobora a legenda “Nos braços da galera”. A atleta utiliza um uniforme preto e amarelo, mas com destaque para o amarelo. Os elementos textuais da capa destacam-se na manchete *Verde Amarelo*. No Brasil as cores verde e amarelo estão no imaginário coletivo, como indicador de nacionalismo, como uma identidade brasileira, por serem as cores da bandeira utilizadas nos uniformes dos atletas do país. Ao lado da figura da atleta, o texto: *Depois de um sábado ruim para o Time Brasil, em que a meta do COB ficou perto do impossível, torcida do Engenhão vai por afinidade e*

adota as jamaicanas na final dos 100m rasos, vencida por Elaine Thompson. O texto denota o desejo da torcida brasileira de torcer e vibrar pelas conquistas nas Olimpíadas no Brasil, e por falta de atletas brasileiros, acabaram torcendo para as jamaicanas.

A matéria jornalística abaixo da capa inicia exatamente com esse contexto, retratando que na final dos 100m, por falta de representantes brasileiros, a torcida do Brasil “adotou” as jamaicanas na final. Vale ressaltar que o comportamento de torcedores do Brasil foi alvo de diversas críticas na imprensa e em redes sociais no exterior por desrespeitarem atletas de outras nacionalidades durante a competição, com gritos e vaias. Na sequência, a reportagem relata que o *Time Brasil* teve um desempenho magro durante a semana, que provavelmente o país não alcançaria a meta de terminar os Jogos Olímpicos entre os dez primeiros e que o movimento da torcida do Brasil torcer para atletas de outras nacionalidades deveria se repetir. A imagem da jamaicana Elaine Thompson na capa do *Caderno Especial Rio 2016* se enquadra em estereótipos de beleza física, corpo atlético, pernas e braços bem definidos e torneados, portanto está incluída numa normalidade discursiva da cobertura do evento.

A construção discursiva dos elementos textuais da capa não destaca sua vitória em relação à sua performance e qualidade atlética, pelo contrário, na legenda o texto é que a própria *Elaine Thompson* não acreditava em sua vitória: “*Elaine Thompson não acredita na vitória....* Neste mesmo sentido, a matéria jornalística da capa também apresenta o mesmo discurso, não traz informações importantes como o tempo da atleta durante a corrida, enfim, fica restrito a informar as dificuldades que o Brasil vinha enfrentando para conquistar medalhas e que, por falta de representantes do país sede nas finais, a torcida brasileira estava torcendo para atletas estrangeiros.

Baseados em todos esses elementos, acredita-se que a construção discursiva da capa do *Caderno Especial Rio 2016* leva a uma sub-representação da jamaicana Elaine Thompson. A sub-representação das atletas também é apontada como uma prática da mídia esportiva, que possibilita poucos espaços de visibilidade para as mulheres, e por outro lado, quando há cobertura, na maioria das vezes notícia aspectos periféricos em detrimento de aspectos técnicos relacionados às suas performances, trivializando as experiências das mulheres atletas.

Apesar de todo o esforço das atletas na quebra sucessiva de recordes nas pistas, estádios, piscinas e tablados, é fato que as mulheres ainda não conseguiram se equiparar ao homem na valorização de seu desempenho esportivo (ROMERO, 2004). Os 100 metros, é considerada a prova mais nobre do atletismo, e sabe-se que havia a possibilidade do tricampeonato inédito da jamaicana Shelly Ann Fraser-Pryce, mas Elaine Thompson conquistou a medalha de ouro com a marca de 10s71 —próximo do melhor tempo de sua vida, que é de 10s70, porém ainda assim o

discurso da capa teve como foco salientar que a torcida brasileira, por falta de opção, torceu para a velocista.

A capa do *Caderno Especial Rio-2016* de 16 de agosto trouxe uma fotografia da ginasta *Sanne Wevers*, de plano aberto, do fotógrafo *Marko Djurica* da Reuters, em um movimento de sua série. O fundo é preto com somente de uma faixa em verde com a logomarca figurada *Rio2016* em branco, com a legenda; *Muito prazer. Sanne Wevers, a holandesa que derrotou a invencível Simone Biles na trave*. A chamada; *O ouro dá voltas*, com o texto chamada: *Manter-se no topo do esporte é tarefa dura. Que o digam Biles e Zanetti*.

A capa a ginasta holandesa *Sanne Wevers* (vice-campeã mundial em 2016) em um movimento de giro de 360 graus da sua série na trave de equilíbrio, de uniforme (collant de lycra preto) em que evidencia a beleza plástica do corpo da atleta em movimento. A trave de equilíbrio é um dos aparelhos da ginástica artística feminina considerado como o equipamento mais difícil das mulheres que têm uma rotina de 90 segundos, incluindo um giro de 360 graus e pelo menos dois voos, e devem percorrer toda a extensão da trave executando os elementos obrigatórios, além de terem precisão nos movimentos. As ginastas são também avaliadas pelo ritmo e graça nos exercícios, devem competir com collant, e cabelos longos devem ser presos.

A manchete em destaque *O ouro dá voltas*, possui uma ligação com a imagem da atleta *Sanne Wevers*, que é apresenta de ponta cabeça, no giro 360, durante sua série de exercícios na trave. Mas faz referência à ginasta *Simone Biles*, que era apontada como uma das favoritas ao ouro na trave, porém teve um pequeno desequilíbrio que possibilitou a *Sanne Wevers* a conquista da medalha de ouro. Assim, a capa retrata a vitória da atleta *Sanne Wevers*, no entanto ainda assim evidencia a derrota de *Simone Biles* com a legenda *Sanne Wevers, a holandesa que derrotou a invencível Simone Biles*, criando uma rivalidade entre as ginastas.

O texto da chamada reforçou as dificuldades de se manter no topo nos esportes de alto rendimento: *Manter-se no topo do esporte é tarefa dura. Que o digam Biles e Zanetti*. Nesse discurso a capa incorporou o ginasta brasileiro *Arthur Zanetti*, apontado como um dos favoritos nas Argolas na *Rio-2016*, mas na final foi derrotado pelo grego *Eleftherios Petrounias*, ficando com a medalha de prata. A ginástica artística é a representação de um estereótipo feminino naturalizado, com um imaginário de leveza, suavidade, corpo esbelto, beleza e delicadeza, atributos que se enquadram nas expectativas que hegemonicamente, durante muitos anos, foram colocadas sobre o *ethos* feminino. Na sociedade, as práticas esportivas corporais incentivadas às mulheres são aquelas que buscam, senão potencializar, pelo menos, evidenciar uma feminilidade hegemônica que, somada à beleza e à graciosidade, também lhe confira gestos e comportamentos delicados e passivos (GOELLNER, 2003).

Conforme Adelman (2003), o esporte é um importante espaço de conflitos relativos à definição da corporalidade feminina. Pois, se por um lado permite a prática esportiva para as mulheres com ideia de igualdade de gênero, por outro também valoriza um tipo de controle do corpo, pois outorga ao corpo das atletas um novo modelo de feminilidade. O corpo deve ser saudável, atlético, ativo, firme, mas não com músculos demais. O simbolismo e representações incutidas nos esportes, em especial da ginástica artística, traz marcas de gênero também para os homens atletas, que enfrentam preconceitos para sua prática.

Apesar da aparente igualdade na participação de ambos os sexos, é necessário refletir sobre as diferenças no que tange à inclusão das mulheres no esporte, e das suas oportunidades e visibilidades. O determinismo biológico que justificou as desigualdades de gênero a partir das diferenças biológicas “naturais” entre homens e mulheres, assim como a legitimação das relações de dominação, são alguns dos motivos que levaram as mulheres a terem menos acesso e oportunidades sociais e também no campo esportivo em comparação com os homens. É preciso repensar o padrão feminino como um espaço de contestação, para que a noção de feminilidade vá além dos aspectos estéticos do corpo feminino (DEVIDE, 2005).

A capa do *Caderno Especial Rio 2016*, com a ginasta Sanne Wevers, reforça os esportes valorizados como os “adequados” para as mulheres, isto é, aqueles que se mostram como uma extensão do estereótipo feminino, pois mesmo com os fortes treinamentos que exigem resistência à dor, superação de limites, além do risco de lesões, esses fatores encontram-se encobertos pela beleza, a suavidade e graciosidade inscritas no corpo e na gestualidade das ginastas. Ressalta-se que das seis capas do *Caderno Especial Rio 2016* que apresentaram mulheres olímpicas, duas trouxeram em destaque a ginástica artística, o que demonstra que a mídia ainda tem uma preferência na cobertura de determinadas práticas corporais e esportivas consideradas femininas.

A última capa do *Caderno Especial Rio 2016* que trouxe mulheres olímpicas foi veiculada no dia 19 de agosto de 2016, com uma fotografia da dupla de velejadoras Kahena Kunze e Martine Grael. A capa apresenta fotografia do fotógrafo Guito Moreto, com as velejadoras dentro do mar, comemorando a conquista da medalha de ouro. A manchete: *Prazer em velas*, e lead: *Kahena Kunze e Martine Grael ganham ouro na classe 49erFX, a 18ª medalha do Brasil neste esporte*.

A manchete da Capa “*Prazer em velas*” remete à sensação ou emoção agradável, fazendo também um trocadilho pela conquista da medalha de ouro na modalidade esportiva “Vela” pelas atletas, mas também faz alusão por ser a primeira medalha olímpica das velejadoras, no sentido de um cumprimento. A imagem mostra as duas velejadoras comemorando ao mar, sendo possível ver somente a cabeça. O lead: *Kahena Kunze e Martine Grael ganham ouro na classe*

49erFX, a 18ª medalha do Brasil neste esporte. O discurso jornalístico utilizou “ganham ouro”, para retratar a vitória das velejadoras, no final o texto destacou que era a “18ª medalha do Brasil neste esporte”.

A vela é uma das modalidades mais antigas dos Jogos Olímpicos, desde 1900, porém as mulheres só conquistaram o direito de participação em 1988, portanto é uma história recente. No Brasil, a vela é o esporte que acumula o maior número de medalhas de ouro. A capa do *Caderno Especial Rio 2016* apresenta a vitória e a medalha de ouro, mas não traz informações sobre a performance das velejadoras. Por outro lado, informa que a modalidade esportiva já conquistou várias medalhas para o Brasil, minimizando o feito das velejadoras, com a conquista desta medalha do ouro olímpico, que foi a primeira conquistada por mulheres na vela. Assim, entende-se que a construção discursiva novamente produz uma sub-representação ao trivializar a conquista das velejadoras.

A legenda da fotografia apresenta o texto; *Meninas cuidado... Kahena e Martine se jogam nas águas da Baía de Guanabara após vencerem a última regata.* Os elementos textuais “*se jogam no mar*” estão relacionados com o “cuidado” que está associado à poluição da água da Baía de Guanabara. A legenda também apresenta as atletas como “Meninas”, assim como já identificado em outras capas, associada à palavra “cuidado”, remetendo à fragilidade.

Considerações Finais

Nas capas do *Caderno Especial Rio 2016*, o jornal *O Globo* trouxe em seis edições mulheres olímpicas brasileiras e estrangeiras, nas modalidades esportivas: ginástica artística, judô, atletismo e vela. Nas imagens das capas as mulheres atletas que foram retratadas de corpo inteiro possuem um perfil, estão com uniformes, que possibilita visualizar o corpo, as pernas torneadas, mas ainda assim dentro de um padrão de beleza estabelecido pela sociedade. As atletas foram apresentadas em momentos de comemoração no esporte e durante a performance esportiva de forma equitativa.

As capas do *Caderno Especial Rio 2016* também privilegiaram os atletas homens em relação aos espaços de visibilidade, tendo em vista que tiveram praticamente o dobro de capas quando comparado com as mulheres, legitimando a superioridade masculina e a invisibilidade das mulheres. As narrativas das capas apresentaram diversos elementos verbais e não verbais, reforçando em alguns momentos o estereótipo feminino da beleza, graça e juventude. A mídia, ao utilizar substantivos infantis como “meninas, garotas” para se referir às atletas olímpicas, aponta para uma noção de feminilidade normativa, em que a mulher para ter a “verdadeira feminilidade” deve ser meiga, gentil, frágil e delicada. Assim, o discurso jornalístico, mesmo que de

forma não proposital, ao infantilizar as mulheres atletas reforça a superioridade dos homens no campo esportivo, enaltecendo as visões dominantes entre homens e mulheres.

Nas formações discursivas, foi possível identificar ainda que em algumas capas as mulheres foram representadas como guerreiras, lutadoras (Rafaela e Mayra), e em outras, as atletas tiveram suas performances retratadas com um discurso que leva à sub-representação, trivializando suas conquistas, que pode ser analisado como modos de operação da dominação masculina. O esporte é um reflexo do mundo social, ao mesmo tempo em que é constitutivo desse mundo. Assim, o campo esportivo é um lugar em que mundos sociais, ou seja, as representações podem ser produzidas, reproduzidas e alteradas. Mas para que as representações das mulheres atletas sejam alteradas e/ou ressignificadas é preciso mudanças em relação às questões do poder de dominação masculino instituído no ambiente esportivo e nas coberturas midiáticas.

Referências

ADELMAN, Miriam. **Mulheres Atletas: ressignificações da corporalidade feminina**. Estudos Feministas, Florianópolis, n. 11, v. 2, p. 445 – 465, julho-dezembro 2003.

ALONSO, Luiza Klein. **Mulher, corpo e mitos no esporte**. In: SIMÕES, A.C. (Org.). *A mulher e esporte: mitos e verdades*. São Paulo: Manole, 2003. p.35-47.

DEVIDE, Fabiano Pries. **Gênero e mulheres no esporte**: história das mulheres nos jogos olímpicos. Ijuí: Editora Unijuí, 2005.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília, DF: UnB, 2001.

GOELLNER, Silvana Vilodre (Orgs.). *Corpo gênero e sexualidade: um debate contemporâneo*. Petrópolis, Vozes, 2003.

GOELLNER, S. V. **O esporte e a cultura fitness como espaços de generificação dos corpos**. In: Anais do XV Congresso Brasileiro de Ciência do Esporte, Recife, 2007.

_____. **Mulheres e esporte: sobre conquistas e desafios**. Revista do Observatório Brasil da Igualdade de Gênero, Ano II, número 4, Brasília 2012.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

MEYER, Dagmar. **Gênero e Educação**: teoria e política. In: LOURO, Guacira; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana (Orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na Educação*. Petrópolis: Vozes, 2003, p. 9-27

MOSCOVICI, Serge. **Representações sociais: investigações em psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2003.

ROMERO, E. **A hierarquia de gênero no jornalismo esportivo**. In: III Fórum de debates sobre mulher & Esporte > Mitos & Verdades < Fórum Internacional - 16 a 18 de setembro de 2004.